



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE  
CURSO DE JORNALISMO

IGOR SANTOS MAGALHÃES

**QUEM É ÍNDIO?**  
**A QUESTÃO DA IDENTIDADE ENTRE OS POVOS INDÍGENAS DO CEARÁ**  
**RELATÓRIO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

FORTALEZA  
2019

IGOR SANTOS MAGALHÃES

QUEM É ÍNDIO? A QUESTÃO DA IDENTIDADE ENTRE OS POVOS INDÍGENAS DO  
CEARÁ - RELATÓRIO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Jornalismo do Departamento de  
Comunicação Social da Universidade Federal  
do Ceará, como requisito para obtenção do  
Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena  
Lucas

FORTALEZA

2019

IGOR SANTOS MAGALHÃES

QUEM É ÍNDIO? A QUESTÃO DA IDENTIDADE ENTRE OS POVOS INDÍGENAS DO  
CEARÁ - RELATÓRIO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Jornalismo do Departamento de  
Comunicação Social da Universidade Federal  
do Ceará, como requisito para obtenção do  
Título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em: \_\_ / \_\_ / \_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Professor Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas (orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Professora Ma. Kamila Bossato Fernandes

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Professor Dr. Kleyton Rattes Gonçalves

Universidade Federal do Ceará (UFC)

FORTALEZA

2019

## AGRADECIMENTOS

Os anos da graduação em Jornalismo na Universidade Federal do Ceará foram intensos. Foram muitas emoções diferentes, grandes desafios e aprendizados para minha vida acadêmica, profissional e também pessoal. Gostaria de lembrar e de agradecer a algumas pessoas importantes nessa trajetória.

Primeiramente à minha família, que me deu todo o suporte e compreendeu minha ausência nos momentos em que precisei me dedicar às atividades do curso, em especial, à minha mãe, Rosa, cujo apoio e carinho me fortalece todos os dias.

Aos professores, pelos conhecimentos e experiências compartilhados.

Aos amigos e colegas, com quem dividi as dores e alegrias da graduação, os trabalhos intermináveis e as conversas nos corredores.

Em relação ao desenvolvimento do presente trabalho de conclusão de curso, quero agradecer também.

À minha família, pelo apoio constante, em especial, ao meu pai, César, por me acompanhar nas pautas, me levando até as aldeias dos povos que visitei.

Ao professor Ricardo Jorge, pela orientação, compreensão, incentivo, empolgação e tranquilidade que teve nesse percurso.

Ao Alencar Junior, que me deu grande ajuda nos aspectos técnicos durante a edição deste trabalho.

Aos professores Kleber Saraiva e Isabelle Braz, pelas dicas dadas no início da minha apuração.

À Rosa Pitaguary, ao Weibe Tapeba, ao Roberto Anacé e à Juliana Alves pelas entrevistas preciosas que me proporcionaram.

Finalmente, a todos os povos indígenas do Ceará, em especial, aos Tapeba, aos Pitaguary, aos Anacé e aos Jenipapo-Kanindé, que me receberam com tanta gentileza e atenção. Graças a eles não só desenvolvi um trabalho valioso, mas também tive uma experiência rica de aprendizado, conhecendo culturas e pessoas incríveis.

## RESUMO

Os povos indígenas tiveram uma história particular no Ceará. Considerados extintos no século XIX, muitos grupos étnicos ressurgiram no final do século XX, levantando a questão da presença indígena e afirmação da sua identidade. Ainda hoje, muitos setores da população não compreendem e/ ou não reconhecem essas comunidades culturalmente diferenciadas. Nesse sentido, o documentário *Quem é índio? A questão da identidade entre os povos indígenas do Ceará* retrata a questão da identidade indígena no Estado, através de entrevistas com representantes de algumas das principais etnias locais e de registros de elementos e manifestações culturais que afirmam essa identidade. Neste trabalho, buscou-se romper com alguns estigmas ainda presentes na sociedade brasileira em relação aos indígenas e dar visibilidade a esses sujeitos, que são cada vez mais atuantes na vida pública do Estado e do país.

**Palavras-chave:** Ceará, povos indígenas, índios, identidade, documentário.

## ABSTRACT

The indigenous people in Ceará have had a particular story. Considered extinct in the nineteenth century, many ethnic groups reemerged in the late twentieth century, raising the question of indigenous presence and affirmation of their identity. Even today, many sections of the population do not understand neither recognize these culturally differentiated communities. In this sense, the documentary *Quem é índio? A questão da identidade entre os povos indígenas do Ceará* portrays the issue of indigenous identity in the state, through interviews with representatives of some of the main local ethnic groups and records of elements and cultural manifestations that affirm this identity. In this paper, we sought to break with some stigmas still present in Brazilian society in relation to the indigenous and to give visibility to these subjects, who are increasingly active in the public life of the state and the country.

**Keywords:** Ceará, indigenous people, identity, documentary.

## SUMÁRIO

|     |   |    |
|-----|---|----|
| 1   | Introdução ao tema                          |    |
| 1.1 | Situação dos povos indígenas no Brasil..... | 7  |
| 1.2 | A questão indígena no Ceará.....            | 9  |
| 2   | Objetivos                                   |    |
| 2.1 | Objetivo geral.....                         | 11 |
| 2.2 | Objetivos específicos.....                  | 11 |
| 3   | Problematização.....                        | 12 |
| 4   | Justificativa.....                          | 13 |
| 5   | Metodologia                                 |    |
| 5.1 | Pré-produção.....                           | 15 |
| 5.2 | Produção.....                               | 16 |
| 5.3 | Pós-produção.....                           | 17 |
| 6   | Suporte adotado.....                        | 19 |
| 7   | Estrutura do trabalho.....                  | 20 |
| 8   | Cronograma.....                             | 21 |
| 9   | Referências bibliográficas.....             | 22 |

# 1 INTRODUÇÃO AO TEMA

## 1.1 Situação dos povos indígenas no Brasil

Segundo os dicionários, o termo “indígena” quer dizer aquele que nasceu no país em que vive, ou seja, que é nativo. Esse termo é mais correto do que “índio”, porque esse último é carregado de sentidos negativos historicamente atribuídos a figura dos nativos, é genérico e surgiu a partir de um equívoco dos colonizadores (os europeus pensavam estar na Índia quando chegaram à América).

A Fundação Nacional do Índio (Funai) entende que não cabe ao Estado reconhecer quem é ou não indígena, mas garantir que sejam respeitados os processos individuais e sociais de construção e formação de identidades étnicas. Portanto, os critérios utilizados para essa identificação são a autodeclaração e consciência da identidade indígena e o reconhecimento dessa identidade por parte do grupo de origem.

O Censo Demográfico de 2010 contabilizou 896 mil pessoas que se declaravam ou se consideravam indígenas no Brasil. Do total, 517 mil ou 57,5 % moravam em terras indígenas oficialmente reconhecidas. O Censo também revelou que 572 mil ou 63,8 % viviam na área rural e 324 mil ou 36,2 % na área urbana.

Ainda existem cerca de 53 grupos não contatados, além daqueles que esperam reconhecimento de sua condição indígena pela Funai, o que certamente alteraria os números dessa população. Cerca de 60% dos índios brasileiros vivem na região designada como Amazônia Legal, mas registra-se a presença de grupos indígenas em praticamente todas as unidades da federação.

A população indígena do Brasil vem aumentando de forma contínua nas últimas décadas. Isso devido aos esforços de proteção dos índios brasileiros, queda dos índices de mortalidade, em razão da melhora na prestação de serviços de saúde, e de taxas de natalidade superiores à média nacional.

O Brasil contemporâneo é mais indígena do que normalmente se supõe. Ainda que culturalmente transformada pela interação secular de processos civilizatórios, a presença indígena é fortemente percebida no tipo físico e nos costumes de amplos segmentos da população, sobretudo entre os brasileiros do Nordeste, do Norte e do Centro-Oeste. Se é verdade que os grupos indígenas brasileiros estão reduzidos a uma pequena fração do que foram no

passado, também é verdade que este segmento da população encontra-se hoje em plena recuperação demográfica.

Apesar de todas as pressões assimilacionistas até a década de 1970, os grupos indígenas não se desfizeram no corpo da população mestiça. Ao contrário, seu contingente populacional vem se recuperando progressivamente. Os grupos indígenas brasileiros têm logrado manter nas últimas décadas uma taxa de reprodução superior à média nacional. Contrariando o que se previra, o índio brasileiro não se transformou em branco, nem foi totalmente exterminado, mas iniciou nas últimas décadas um lento e seguro processo de recuperação demográfica para o qual terá contribuído, em grande medida, a demarcação ainda inconclusa das áreas indígenas e a prestação de serviços assistenciais pelo Estado (VENTURI, 2018).

Outro fator muito importante para esse crescimento populacional é a própria autoidentificação. “(...) vários grupos voltaram a se assumir como indígenas, deixando cair a máscara de “caboclos” (aqueles que não são mais índios e que nunca chegarão a ser brancos), que durante tantos anos falseou os números da população indígena no país” (VAZ, 2005).

“Nas cidades também milhares de pessoas perderam a vergonha e passaram a se assumir como indígenas (...) Ser índio é também uma questão de decidir e assumir tal identidade étnica. Independente de onde vive ou da roupa que usa, o índio continua índio” (VAZ, 2005).

Alguns grupos ainda vivem em relativo ou completo isolamento, outros estão integrados à economia regional, mas se consideram e são reconhecidos como membros de uma comunidade culturalmente diferenciada.

A Funai classifica os índios brasileiros em três classes: isolados, considerados aqueles que “vivem em grupos desconhecidos ou de que se possuem poucos e vagos informes através de contatos eventuais com elementos da comunhão nacional”; em via de integração, aqueles que conservam parcialmente as condições de sua vida nativa, “mas aceitam algumas práticas e modos de existência comuns aos demais setores da comunhão nacional”; integrados, ou seja, os nativos incorporados à comunhão social e “reconhecidos no pleno exercício dos direitos civis, ainda que conservem usos, costumes e tradições características da sua cultura” (VENTURI, 2018).

A plena cidadania do indígena depende de sua integração à sociedade nacional e do conhecimento dos valores morais e costumes adotados por essa sociedade. A Constituição de 1988 realizou um grande esforço no sentido de elaborar um sistema de normas que pudesse efetivamente proteger os direitos e interesses dos índios brasileiros. Representou um avanço na

questão indígena, com vários dispositivos nos quais dispõe sobre a propriedade das terras ocupadas por eles, a competência da união para legislar sobre populações indígenas e a preservação de suas línguas, usos, costumes e tradições (VENTURI, 2018).

No entanto, a existência da legislação por si só não é o suficiente para a plena garantia desses direitos. O movimento indígena se mobiliza para conquistar efetivamente a conservação e delimitação das áreas indígenas, o que vai muito além da ideia de “terra”.

Dentro do conceito “terra”, estão inseridas reivindicações como educação, saúde diferenciada, respeito e reconhecimento à cultura, projetos socioeconômicos destinados aos diversos povos, áreas de preservação e fiscalização ao cumprimento de leis e demarcações. A luta do movimento indígena no Brasil abrange muito mais do que apenas o território físico. Uma de suas grandes exigências é a possibilidade de manter sua cultura, seu modo de vida. (FAHS, 2016)

Para esses grupos, a afirmação do direito ao etnodesenvolvimento e à preservação de sua identidade cultural passam pela garantia de seus direitos constitucionais, pela posse da terra, pela defesa de condições dignas de vida, e pela conquista de seu espaço político (VENTURI, 2018).

## **1.2 A questão indígena no Ceará**

A história, a cultura e a população cearense têm fortes influências indígenas. Basta observar a culinária local, o uso de plantas nativas na medicina popular, o próprio vocabulário cheio de palavras de origem indígena, danças, música etc.

Com uma colonização tardia, iniciada efetivamente no início do século XVII, a então capitania do Siará-Grande abrigava mais de 20 povos nativos e ainda foi refúgio para tantos outros que migraram das capitanias vizinhas de Rio-Grande, Paraíba e Pernambuco (SILVA, 2007). No entanto, após a expulsão dos holandeses do Nordeste, teve início a expansão colonial pelo sertão e, conseqüentemente, disputa pela terra.

Os diversos conflitos entre colonizadores e indígenas na região ficaram conhecidos como a “Guerra dos Bárbaros”, que durou entre 1683 e 1713. Em seguida, muitos índios passaram a viver nos chamados “aldeamentos”, espaços administrados pelos missionários católicos. Nesses locais, os indígenas aprendiam os costumes europeus, mas também foi possível a preservação de sua própria cultura, conforme relata Silva (2007)

O aldeamento tornou-se lugar de resistência e refúgio, e lá estes povos recriaram sua cultura (...). A criação das vilas de índios após a expulsão dos jesuítas (1759) e a imposição do Diretório Pombalino, estabeleceu a mestiçagem como estratégia de embranquecimento da população e diluição das marcas culturais nativas. A partir daí, o século XIX é crucial para a compreensão das sucessivas transformações pelas quais passaram estes povos, com a criação de municípios e distritos nos lugares que habitavam (SILVA, 2007, p. 8).

Fato curioso sobre os indígenas cearenses é que eles já foram declarados “extintos” no século XIX, em plena vigência da Lei de Terras, de 1850, que definia o acesso à terra no Brasil unicamente por meio da compra. A suposta extinção era explicada pelas autoridades locais através da ideia de “índios misturados”, ou seja, índios que habitavam terras cearenses e viviam com os “civilizados” sem distinção. Porém, na realidade, isso foi imposto pelos interesses das elites da época.

Uma estratégia que o poder provincial encontrou para burlar as mínimas garantias que a Lei de Terra, de 1850, assegurava aos índios. Assim, o poder local construiu a extinção dos índios para, em seguida, apropriar-se dos seus territórios. Esses diferentes processos de territorialização e de relações interétnicas forneceram bases para o governo provincial consolidar, na segunda metade do século XIX, um discurso sobre a “extinção” dos índios no Ceará. (...) Com efeito, no final do século XVIII, quando a capitania do Ceará começava a ser explorada pela economia pecuária, as terras dos índios começaram a ser usurpadas pelos grandes criadores de gado (LEITE NETO, p. 24, 2006 apud PEREIRA et al., p. 181, 2016).

Assim, durante décadas, grupos indígenas inteiros foram considerados oficialmente extintos, apenas “reaparecendo” nas últimas três décadas do século XX. A partir de então, iniciaram-se lutas políticas pelo direito ao reconhecimento étnico e territorial dos indígenas. No entanto, ainda é comum o não reconhecimento da identidade indígena no Ceará (PEREIRA et al., 2016).

Atualmente, o Ceará tem 14 povos indígenas reconhecidos, dispersos na região metropolitana de Fortaleza e no interior do estado: Anacé, Gavião, Jenipapo-kanindé, Kalabaça, Kanindé, Kariri, Pitaguary, Potyguara, Tabajara, Tapeba, Tapuia-kariri, Tremembé, Tubibatapua e Tupinambá. Ao todo, são mais de 20 mil indígenas contabilizados pelo Censo de 2010, sendo 2.988 (14,4 %) vivendo em terras indígenas e 17.709 fora delas.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Discutir a questão da identidade étnica dos povos indígenas do Ceará por meio de documentário audiovisual

### **2.2 Objetivos específicos**

Fazer um contraponto a cobertura midiática que, em geral, não dá visibilidade aos povos indígenas ou o faz de maneira superficial

Ajudar a desconstruir o conceito estereotipado de “índio” ainda presente na nossa sociedade que não corresponde à realidade atual desses povos tão diversos entre si

Apresentar e explorar novas formas de representação dos indígenas

Filmar e mostrar os indígenas em momentos e ações que caracterizem essa identidade étnica em discussão

Ter a experiência de produzir um documentário de maneira livre, independente e autônoma

### 3 PROBLEMATIZAÇÃO

“Quem são estes que se afirmam índios, mas falam português, se vestem, habitam e se parecem fisicamente com a população regional?” (RATTS, 2009). Esse questionamento do professor de Geografia Alex Ratts simboliza o estranhamento que a população geral brasileira ainda tem ao se deparar com a figura do indígena contemporâneo. Esse questionamento também passou a ser empregado propositalmente para tentar deslegitimar o movimento indígena que ganhou força no Brasil a partir da década de 1970, quando indivíduos de diferentes etnias começaram a se unir na luta por direitos e participação na política.

É muito comum, mesmo hoje, encontrar no imaginário popular um conceito ultrapassado e errado acerca dos indígenas: o sujeito que vive nu na floresta, mora na aldeia com sua tribo, tem necessariamente língua e religião diferentes da maioria da população, não usa novas tecnologias etc. Essa ideia não se aplica mais à toda diversidade de formas de organização e cultura existentes entre os povos indígenas e ainda colabora com o preconceito. A sociedade brasileira, ao longo da história, criou certo estereótipo arbitrário sobre “quem é” e “quem não é” índio.

A caracterização do índio, registrada no início do processo de colonização, ainda é frequentemente reproduzida pela sociedade. Ainda persistem visões preconceituosas e estereotipadas, cristalizadas ao longo da história, que insistem em apresentá-lo como indolente, preguiçoso, de espírito belicoso e selvagem (LEITE NETO, p. 17, 2006 apud PEREIRA et al., p. 179, 2016).

Após séculos de contato com outros povos que chegaram ao país, os povos indígenas do Brasil passaram por uma série de transformações durante a história.

Se outrora, estes povos apresentavam uma grande diversidade de costumes, ritos, crenças e hábitos que se espalhavam por todo o continente americano, hoje as comunidades que preservam tal modo de vida estão restritas a pequenos territórios e já muitas em processo de aculturação devido à pressão exercida pela sociedade pós-moderna. (PEREIRA et al., p. 175, 2016)

Diante desse cenário, no qual muitas vezes a sociedade não compreende quem é o indígena contemporâneo e questiona essa identidade, vale destacar algumas questões principais que este trabalho busca responder: quem é indígena hoje no Brasil / Ceará? Que elementos caracterizam essa identidade? Por que certas pessoas se identificam enquanto indígenas? É possível falar em uma “identidade indígena”? Como essa luta pela identidade étnica acontece hoje? O que se faz para afirmar essa identidade cotidianamente?

#### 4 JUSTIFICATIVA

O último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apurou que a população indígena no Brasil se aproxima de 900 mil indivíduos. Essa população vem crescendo desde a segunda metade do século passado, quando era da ordem de 70 mil na década de 1950. Entre outros motivos para isso, está a valorização da ancestralidade indígena e o consequente reconhecimento da identidade. Eles estão por todo o Brasil, nas áreas rurais e urbanas. São 305 etnias e 274 línguas diferentes. E ainda há povos não reconhecidos oficialmente.

Além disso, indígenas em todo o Brasil participam ativamente da vida política. Eles estão mobilizados politicamente, organizam protestos e apresentam suas reivindicações. As lideranças pressionam o Estado pelo respeito aos seus direitos e desenvolvem projetos de apoio e capacitação às suas comunidades. E não só isso, alguns líderes se elegem como vereadores e deputados para representar seu povo nas casas legislativas.

Muitos jovens concluem os estudos e seguem no ensino superior, e isso já ocorria mesmo antes da obrigatoriedade de cotas para indígenas nas universidades públicas. Assim, os adultos também podem aplicar seus conhecimentos tanto no mercado como nas suas comunidades.

No entanto, toda essa realidade contemporânea dos povos indígenas é pouco explorada pela mídia, quando tem algum espaço. Essa parcela da população não tem visibilidade na mídia em geral. Quando indígenas são pauta na imprensa tradicional, muitas vezes, isso ocorre em situações pontuais e de maneira superficial. Alguns exemplos são os episódios em que os conflitos em torno das terras indígenas (que nunca cessaram) atingem momentos críticos, principalmente envolvendo violência. Outros exemplos onde a temática indígena ganha espaço na grande imprensa são quando há alguma novidade nos processos de demarcação das terras indígenas e no Dia do Índio. Ainda hoje é comum em algumas coberturas jornalísticas os indígenas serem retratados como pessoas de nível intelectual baixo, incapazes, ora ingênuos, ora incivilizados.

No campo do entretenimento, em filmes, novelas, séries de televisão, músicas e literatura, por exemplo, a figura do índio é constantemente associada ao exótico e ao místico. Trata-se pouco das questões complexas que afetam essas populações hoje em dia, como sua integração na sociedade, luta por direitos, discriminação e conflitos em torno das terras indígenas. Falta mais profundidade às questões que afetam esses povos na atualidade.

Nesse sentido, o documentário *Quem é índio? A questão da identidade entre os povos indígenas do Ceará* pretende servir como contraponto diante das problemáticas apresentadas até aqui. Mais especificamente, o trabalho pretende abordar a questão indígena tendo como foco o conceito de identidade étnica. Por meio de entrevistas e registros audiovisuais, a ideia é apresentar as percepções dos próprios indígenas sobre quem eles são.

## 5 METODOLOGIA

### 5.1 Pré-produção

A realização deste trabalho teve como fase inicial leituras para uma maior compreensão a respeito do tema escolhido e do suporte adotado. Para uma primeira coleta de informações foi feita pesquisa bibliográfica a partir de livros, artigos e demais textos de caráter científico ou acadêmico. Destaco o livro *Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção* (2009), de Sérgio Puccini, leitura essencial que me ajudou a entender as três etapas fundamentais na realização de documentários (pré-produção, produção / filmagem e pós-produção), além de discutir roteiro e possibilidades criativas. O site *Primeiro Filme* me forneceu orientações importantes sobre questões técnicas do cinema e audiovisual que se aplicam ao documentário.

Outra etapa realizada foi a pesquisa documental. Com o objetivo de acompanhar melhor como se dá a retratação dos personagens estudados na mídia, acompanhei atento o noticiário tradicional, em jornais, revistas, sites, programas de rádio e televisão, para saber o que se fala sobre o tema, como se fala e o que falta falar. Também assisti alguns documentários sobre o tema para me servirem de referência e inspiração, como *Índios no Brasil*, *Índios somos nós* e *Índios - A invenção do Ceará*.

Assim, pude avaliar as minhas hipóteses e definir melhor o foco que eu daria ao meu trabalho. Afinal, exatamente o quê sobre os indígenas eu pretendia discutir no documentário? Foi então que cheguei à questão da identidade. A partir disso, passei a buscar fontes acadêmicas, ou seja, professores, para entrevistar e entender mais dessa questão.

Entrevistei o professor de Ciências Sociais Kleber Saraiva, pesquisador da temática indígena e coordenador das Licenciaturas Interculturais Indígenas Pitakajá e Kuaba na Universidade Federal do Ceará (UFC). Pedi a ele para me explicar alguns conceitos essenciais: identidade, identidade cultural, identidade étnica e identidade indígena. O professor também me passou contatos importantes de lideranças entre os indígenas no Ceará. Gravei a entrevista como forma de teste dos equipamentos e percebi algumas falhas técnicas como falta de nitidez na imagem, enquadramento inadequado, som baixo e ruídos do ambiente.

Outras orientações importantes tive com a professora Isabelle Braz, também das Ciências Sociais. Ela tem pesquisas e trabalhos publicados sobre a questão indígena no Ceará, além de ter contato e conhecer de perto a realidade de muitos desses povos. Além disso, é líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Étnicas (GEPE) na UFC e coordenadora do Observatório dos

Direitos Indígenas no Ceará. Ela me indicou a leitura do livro *Povos Indígenas no Ceará: organização, memória e luta*, que é resultado de um trabalho coordenado por ela.

A partir de então, formulei um roteiro de perguntas para as entrevistas com os indígenas. Organizei as fontes que tinha disponíveis e fiz contato prévio para agendar minha visita às aldeias e as entrevistas.

## **5.2 Produção**

A pesquisa neste trabalho é de teor qualitativo, tendo em vista que o material obtido dos entrevistados é predominantemente subjetivo, pois trata-se de relatos de personagens, histórias de vida, opiniões, comportamentos e sentimentos. Considera-se como o tipo ideal para o trabalho a entrevista semiestruturada, na qual “O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

Nessa forma de entrevista, que tem perguntas abertas e fechadas, o informante pode discorrer sobre o tema proposto, mas, quando necessário, o entrevistador deve dirigir a discussão para o ponto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista. Como Boni e Quaresma (2005) explicam, uma vantagem dessa técnica de entrevista é a maior abertura e proximidade entre entrevistado e entrevistador, o que permite perguntas sobre temas complexos e delicados e respostas mais espontâneas.

No momento das entrevistas, as informações foram captadas por meio de gravação em áudio e vídeo separadamente, com o uso de um microfone de lapela conectado a um gravador de voz para captar o áudio e uma câmera digital com um tripé para captar o vídeo. Estive equipado também com o roteiro de perguntas em uma folha de papel. Além disso, foi necessário coletar imagens e sons complementares.

Em relação a planos e enquadramentos, esses variaram entre planos abertos e médios nas imagens captadas em cenas de ação. Assim como planos gerais e planos-sequência em ambientes grandes e abertos. No caso das entrevistas, foi usado primeiro plano ou plano fechado. Os sons foram captados nos ambientes de filmagem e também foram utilizados sons de arquivo e trilhas musicais.

Ao todo, foram realizadas seis entrevistas principais com lideranças indígenas. No entanto, por questões técnicas da gravação e outras relativas ao conteúdo das entrevistas, apenas

quatro foram incluídas no documentário. Desde o início do trabalho, a ideia era escolher lideranças entre os quatro povos presentes na Região Metropolitana de Fortaleza, tendo em vista a viabilidade dessas entrevistas.

Sendo assim, ao todo, foram realizadas seis visitas às terras indígenas de quatro povos: Aldeia Monguba, em Pacatuba (duas vezes); Aldeia Lagoa dos Tapeba, em Caucaia (duas vezes); Aldeia Japura, em Caucaia e Aldeia Lagoa da Encantada, em Aquiraz. Além das entrevistas em si, o objetivo das visitas foi captar imagens e sons de apoio, obter uma aproximação com esses ambientes e com essas pessoas, reconhecer e entender na prática tudo o que havia lido e ouvido anteriormente.

Também tive a oportunidade de ir a dois eventos importantes para o meu tema. Um foi a XIX Feira Cultural e os XVIII Jogos Indígenas Tapeba. Os dois ocorrem simultaneamente e são realizados pelo povo Tapeba. Infelizmente, quando compareci, descobri que o evento havia tido sua continuação cancelada por conta de um acidente que levou um jovem do povo ao hospital. Ainda assim, pude captar algumas imagens do ritual do Toré feito em homenagem ao rapaz.

O outro evento do qual participei foi o V Herança Nativa, realizado pelo Sesc Ceará, em Caucaia. O encontro reúne representantes das 14 etnias do estado em quatro dias de programação voltada aos povos nativos, dos quais estive presente em três. No evento eu captei imagens e sons de apoio, e entrevistei a Juliana Alves (povo Jenipapo-Kanindé), já que não foi possível a entrevista quando fui na sua aldeia.

O povo fala foi feito em três ocasiões distintas devido à falhas técnicas e para buscar maior variedade de opiniões e de perfis dos participantes. Foram duas gravações na Praça do Ferreira e uma na Praça da Gentilândia.

### **5.3 Pós-produção**

Ao final de todo o processo de apuração e captação de imagens e sons, chegou-se à fase de edição e finalização, no programa de computador *Sony Vegas*. Primeiramente, fiz uma transcrição simplificada das entrevistas, separando os trechos mais importantes e destacando os tópicos dos comentários dos entrevistados. Depois, busquei criar uma narrativa de ideias de tal modo que cada entrevistado complementasse a fala de outro e desse abertura às imagens apresentadas.

Foi feita ampla seleção de todo material filmado, principalmente das imagens, levando em conta qualidade técnica e conteúdo. Também fez-se necessária a adição de material de arquivo, incluindo trilha musical, imagens de recortes de jornais e filmes antigos, entre outros. Textos, alguns efeitos e ajustes de imagem e som foram inseridos.

Com base nas escolhas entre o material coletado, o roteiro foi elaborado para guiar a edição e prever a estrutura do documentário.

## 6 SUPORTE ADOTADO

A escolha pelo suporte audiovisual e o gênero documentário é motivada por um conjunto de razões, entre elas está a característica própria do documentário de permitir ao realizador desenvolver com profundidade um determinado tema e lhe conferir uma abordagem nova ou diferenciada. Apesar de ser um gênero do cinema, o documentário aproxima-se do jornalismo ao ter o compromisso de explorar e/ou documentar a realidade. Além disso, como afirma Nichols (2005), a linguagem audiovisual tem a peculiaridade de “testemunhar o que aconteceu diante da câmera com extraordinária fidelidade”.

No entanto, o documentário não é mera reprodução da realidade, pois outra característica também muito importante desse gênero é o modo parcial e subjetivo de representar essa realidade. O documentário é “uma *representação* do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares” (NICHOLS, 2005, p. 47).

O documentário, ainda, distingue-se por abordar fenômenos, personagens e questões sobre os quais exista considerável interesse social e que suscitem debates e contestações (NICHOLS, 2005).

Bill Nichols (2005) adota uma classificação de seis modos de representação do documentário: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. Pretende-se aqui trabalhar predominantemente com o modo participativo, no qual há entrevistas e interação com os personagens/participantes. Finalmente, outro motivo pela opção do documentário é a sua facilidade de veiculação e consumo pelo público através de diversas plataformas de exibição hoje em dia disponíveis na internet.

## 7 ESTRUTURA DO TRABALHO

O documentário *Quem é índio? A questão da identidade entre os povos indígenas do Ceará* levanta a discussão da presença indígena no Ceará, trazendo para o centro do debate um conceito fundamental que é identidade. E não é possível tratar desse assunto sem rememorar o passado, por isso o filme inicia com uma contextualização acerca de episódios e processos históricos importantes para entender quem são e como são os indígenas contemporâneos do nosso Estado.

A seguir, o povo fala busca ilustrar as percepções que as pessoas, em geral, têm sobre os indígenas, o que sabem sobre eles, se é que sabem alguma coisa, como os veem, quais estereótipos e/ou preconceitos ainda persistem. A ideia foi ir a um ponto movimentado da capital cearense e gravar depoimentos de pessoas aleatórias de perfis variados.

Os quatro entrevistados principais são apresentados, identificam seu povo, suas ocupações e onde vivem. São eles que guiam o desenvolvimento do documentário. *Quem é índio? A questão da identidade entre os povos indígenas do Ceará* é formado pelos depoimentos de Rosa, Weibe, Roberto e Juliana, que buscam responder, com o auxílio das imagens, o que constitui essa identidade étnica indígena no contexto dos povos retratados neste trabalho.

Diversos pontos acerca dessa questão da identidade indígena são abordados: os elementos que compõem essa identidade, a diversidade entre os indígenas, os estereótipos e preconceitos, os traços físicos e a miscigenação, o reconhecimento étnico, a autoidentificação, o histórico de silenciamento dessa identidade, o recente despertar do movimento indígena e a necessidade de afirmação dessa identidade para a conquista de direitos.

Com duração aproximada de 24 minutos, o filme é encerrado com alguns dados gerais acerca dos povos indígenas no Ceará, a fim de tentar dar uma ideia dessa presença indígena no Estado, ficando a deixa de que a identificação com essa identidade é algo ainda em construção.

## 8 CRONOGRAMA

| <b>Período (2019)</b> | <b>Atividades</b>  |
|-----------------------|--|
| Janeiro               | Pesquisa bibliográfica e documental  |
| Fevereiro             | Pesquisa bibliográfica e documental  |
| Março                 | Leituras sobre o tema  |
| Abril                 | Leituras sobre documentário e audiovisual<br>Definição do foco do documentário                                   |
| Maio                  | Compra de equipamentos<br>Entrevistas com especialistas/ professores/ pesquisadores<br>Elaboração de pré-roteiro |
| Junho                 | Contato com as fontes<br>Entrevistas e gravações com indígenas   |
| Julho                 | Entrevistas e gravações com indígenas  |
| Agosto                | Entrevistas e gravações com indígenas<br>Elaboração e definição do roteiro                                       |
| Setembro              | Exercícios e início do processo de edição  |
| Outubro               | Edição   |
| Novembro              | Edição e finalização<br>Elaboração do relatório final  |
| Dezembro              | Entrega e defesa do trabalho   |

## 9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema Leone. **Aprendendo a Entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Em Tese: Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BRASIL. FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. **O Brasil Indígena (IBGE)**. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/o-brasil-indigena-ibge>>. Acesso em: 26 set. 2018.

BRASIL. FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. **Quais os critérios utilizados para a definição de indígena?** Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/todos-ouvidoria/23-perguntas-frequentes/97-pergunta-3>>. Acesso em: 26 set. 2018.

FAHS, Ana C. Salvatti. **O movimento indígena**. 2016. Disponível em: <[http://www.politize.com.br/movimento-indigena/?gclid=Cj0KCQjw\\_7HdBRDPARIsAN\\_ltcJecmLpAGj4GyY5fsoeG1UTJc5T-nxZoWXalhBan1RKnA4EbwmwqIUaAmaIEALw\\_wcB](http://www.politize.com.br/movimento-indigena/?gclid=Cj0KCQjw_7HdBRDPARIsAN_ltcJecmLpAGj4GyY5fsoeG1UTJc5T-nxZoWXalhBan1RKnA4EbwmwqIUaAmaIEALw_wcB)>. Acesso em: 28 set. 2018.

ÍNDIOS no Brasil - Quem são eles?. Brasil: Tv Escola, 1999. (177 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QQA9wuGgZjI>>. Acesso em: 20 out. 2018.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2005. (Coleção Campo Imagético). Tradução de: Mônica Saddy Martins.

PEREIRA, Cláudio Luis Gomes et al. **Índios e terras: panorama da questão indígena no Ceará**. Geografar: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR, Curitiba, v. 11, n. 1, p.174-189, jul. 2016.

PRIMEIRO FILME (Brasil). **O livro: Enquadramentos: planos e ângulos**. 2012. Site elaborado como complemento ao livro "Primeiro Filme: Descobrimo - Fazendo - Pensando" de Carlos Gerbase, publicado pela editora Artes e Ofícios. Disponível em: <<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção**. Campinas: Papyrus, 2009. (Coleção Campo Imagético).

RATTS, Alex. **Traços étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas**. Fortaleza: Rds, 2009. 123 p. (Coleção Outras Histórias).

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da (Org.). **Povos Indígenas no Ceará: Organização, memória e luta**. Fortaleza: Ribeiro's, 2007.

VAZ, Florêncio. **Identidade indígena**. 2005. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/Identidade-indigena/19992>>. Acesso em: 26 set. 2018.

VENTURI, Marcelo. **A situação atual dos índios do Brasil**. Disponível em: <<https://www.coladaweb.com/geografia-do-brasil/a-situacao-atual-dos-indios-do-brasil>>. Acesso em: 26 set. 2018.